

Vai-se ao âmago destas cores, ao seu núcleo mais íntimo e secreto e sente-se a respiração da terra a rebentar nos poros, a vibração nas raízes, a levar estremecimentos de vento até onde o olhar chega.

Como explicar o inexplicável? Como dizer o indizível?

O fogo e a fúria que habitam estas telas são ancestrais e profundos como a memória das mãos que remexem o húmus, que profanam a quietude da seiva, que rasgam o silêncio dos mitos.

A cada cor corresponde a força orgânica de um gesto que tanto pode representar crispação e mágoa com sede de luz, como incontida ânsia de mais espaço, como torrencial desejo de exprimir o inexprimível.

Há nestes quadros uma sabedoria antiga, imaterial, que clama por cumplicidade e partilha, por entendimento e entrega.

Não se espere deles, porém, que nos franqueie todas as portas e todos os mistérios, que a textura em que se materializem tem muito de ciência alquímica, de saber oculto e perene.

Pode bem acontecer que o olhar, ao confrontar-se com a força telúrica destes óleos em revolta, serpenteie pelas arcas da lembrança e encontre a Espanha negra, fragmentos de um universo goyesco, rituais de penitência e de sabedoria trágica.

Como explicar o inexplicável?

Como dizer o indizível?

Há nestas telas a raiva faíscante do traço e o tom lancinante do grito. Cada cor está em trânsito para outra cor. E bem pode ser corpo ou voz, amálgama de braços ou explosão vegetal, novelo de lumes ou espiral de sombras. Cumpre-se nestas telas o mistério supremo da pintura.

José Jorge Letria

9 de Maio de 1989